

OUTRA BELA SAFRA DE GRÃOS

Roberto Rodrigues*

Estamos terminando a colheita da safra de verão 2017/18 de soja em todo o território nacional. E os números são surpreendentes. Todo mundo sabe que a produção do ano passado (2016/17) foi um recorde histórico de 114,075 milhões de toneladas, determinado pelas condições favoráveis de clima em todo o país (com raríssimas e esparsas exceções) e pela tecnologia de ponta empregada. Pois a colheita deste ano, segundo o relatório do Rally da Safra chegará a 118,9 milhões de toneladas, superando em 3% a safra passada. E nem se pode dizer que o tempo correu bem. Em algumas regiões o plantio atrasou porque as chuvas chegaram depois da hora normal (encurtando a chamada "janela" de semeadura), em outras houve seca severa, como é o caso do sul do Rio Grande do Sul. A explicação é óbvia: tecnologia. Com efeito, a produtividade média deste ano será de 56,5 sacas de 60 quilos por hectare, ligeiramente superior à do ano passado, que foi de 56,3 sacas/ha. As novas variedades lançadas pelas empresas privadas e públicas vão melhorando ano a ano em função da adaptação às diferentes condições edafoclimáticas do Brasil inteiro. E os produtores aperfeiçoam a cada safra seus instrumentos de controle e gestão, otimizam o uso dos insumos e a regulação dos equipamentos de plantio, tratos culturais e colheita.

Lembro que em 1965, ano em que terminei meu curso de Agronomia na Escola Superior de Agricultura "Luis de Queiroz" da Universidade de São Paulo, tínhamos apenas 400 mil hectares de soja plantados, e tudo no Rio Grande do Sul, produzindo pouco mais de 20 sacas por hectare. Hoje temos mais de 35 milhões de hectares com essa leguminosa, produzindo quase 200% a mais por área. É notável. Mesmo nas terras mais pobres do cerrado, como na região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), o efeito da tecnologia é fantástico. O uso recorrente das melhores práticas agrícolas, como o modelo de cultivos integrados, a chamada "agricultura circular" (planta-se a soja em outubro, logo após sua colheita em fins de janeiro/fevereiro se planta a segunda safra de milho - junto com o qual se semeia capim-, e após a colheita do milho já está pronto um pasto rico que recebe gado para engorda - são 3 colheitas no mesmo ano) tem sido uma alavanca para reduzir custos e aumentar a produção. Pecuáristas tradicionais estão aderindo ao revolucionário sistema de integração lavoura-pecuária, mudando a "cara" deste segmento que demorou mais a decolar.

O Rally da Safra, levantamento realizado por um grupo de empresas privadas e públicas do setor, coordenado pelo respeitado consultor André Pessoa, é um dos melhores indicadores de todo esse sucesso. Cerca de 12 equipes treinadas percorreram em 70 dias de exaustiva viagem cerca de 100 mil quilômetros de todas as regiões produtoras, contatando e visitando mais de 3000 produtores rurais, amostrando 1500 lavouras em 500 municípios de 13 estados. Uma amostra gigantesca. Avaliaram a população de plantas por hectare, o número de vagens por planta, o peso de mil grãos (PMG), a distribuição da semeadura, a existência de pragas e doenças e seu controle, e a produtividade. No Mato Grosso, maior produtor nacional de grãos, a produtividade saltou de 55,5 para 57,7 sacas por hectare. É só não foi maior porque as chuvas na colheita

prejudicaram a produção. Mas desta vez o destaque ficou mesmo com Minas Gerais e Bahia, com mais de 60 sacas por hectare, depois de 3 anos muito ruins por causa da seca.

Tem mais informação: a soja não transgênica, chamada convencional, já atinge 8% das áreas cultivadas, mais do que nos últimos 3 anos, em função de maior preço pago pelas compradoras. Isso pode sinalizar uma tendência, especialmente pela resistência dos europeus à transgenia: diferencial de preço.

Enfim, a agricultura se reinventa a cada ano. Em 2017, a agropecuária respondeu por 73% do aumento do PIB brasileiro, que só cresceu 1%: mas o campo cresceu 13%! E a safra recorde de 2017 barateou o preço dos alimentos, reduzindo a inflação a níveis muito baixos, o que permitiu a queda espetacular dos juros. Este ano a safra total de grãos será um pouco menor que a do ano passado que foi de 241 milhões de toneladas. Mas as 232 milhões que colheremos em 2018 vão ajudar, mais uma vez, no crescimento do PIB, na geração de empregos e na manutenção de juros e inflação, além de ser, como sempre tem sido, o grande garantidor do saldo comercial externo do país. Pena que, com as históricas deficiências de infraestrutura e logística, nem todos os produtores consigam fechar a conta, apesar dos esforços envidados.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**